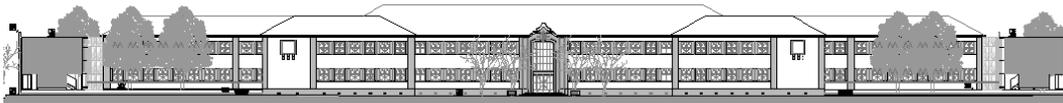


ESCOLA SECUNDÁRIA ALVES MARTINS



Teste de Português

10º ano Turma X

Maio / 2013

Grupo I

Lê atentamente o texto que se segue:

Recuse o mundo que a televisão lhe impinge

Hoje estive horas e horas a ver televisão por dever de ofício. E fiquei aterrorizada e deprimida. (...) Percebi, mais uma vez, por que é que as pessoas de idade têm medo de sair à rua, medo que, a somar ao facto de os passeios estarem cheios de automóveis, explica por que é que a solidão vai continuar a crescer em quem mais precisa de companhia.

5 Abrem um noticiário com uma catástrofe, e de assassinato em assassinato, de pancada em pancada passam para os desastres de autocarro, para acabar em beleza em imagens de corpos dilacerados em guerras espalhadas por todos os cantos do mundo. Tudo muito pela rama, os entrevistados com dois segundos para responder a questões do estilo "Diga-me em três palavras como é que acabava com a fome no mundo?", e tantas vezes sem qualquer respeito pelos
10 protagonistas da reportagem – "Então a senhora acha que lhe fará impressão ver o seu filho esquartejado? Mas importava-se mais se ele aparecesse sem pernas ou sem braços?". (...)

Mesmo o zapping não nos safa disto. À quarta vez consecutiva em que hoje vi mulheres palestinianas a fugir com os seus bebés ao colo dos tiros dos israelitas, só um pensamento me ocorria: "Sempre metidas em tiroteios. Francamente! Ainda agora dali saíram, e já voltaram ao
15 mesmo. Também estão mesmo a pedir!" É claro que é graça, é claro que percebi que era a mesma cena, mas tenho que confessar que o nó no estômago que senti ao primeiro visionamento foi-se diluindo, tendo ficado com a nítida sensação de que a constante repetição de cenas de violência não pode deixar de banalizar os acontecimentos. A certa altura, o telespectador está como os espectadores do circo romano, a pedir mais carne para os leões.

20 Nos estudos feitos sobre os efeitos nas nossas crianças da violência na televisão, a socióloga Maria Benedita Monteiro fala na tese de um senhor chamado Gerbner que me chamou a atenção. O tal senhor defende que a elevada exposição à televisão cultiva nos espectadores crenças sobre o mundo que os rodeia que acentuam o medo de vitimização e acentuam a convicção de que, pelo menos por si só, não têm forma de controlar essa ameaça. Ou seja, a violência na televisão, em
25 lugar de prevenir, ou de nos levar a lutar contra o que está mal, não faz mais do que nos convencer de que "lá fora" os lobos espreitam a cada esquina e que somos impotentes para os vencer.

A televisão não faz mais do que vender-nos aquilo que queremos comprar. Se desligássemos e não víssemos, mudavam imediatamente o tom, o conteúdo, a programação (...). A verdade é que
30 o círculo vicioso instalou-se – criamos em nós o síndrome do mundo mau e talvez no fundo fiquemos contentes quando o ecrã reflete essa visão do mundo; depois, quando o vimos assim pintado, sentimos as nossas convicções reconfirmadas e por aí adiante, numa de tigre a correr em redor da árvore a tentar morder a cauda. É pena, porque só se vive uma vez e é triste viver com medo. Por isso aceite este conselho de domingo – desligue o botão, vá ver o mundo com os seus
35 próprios olhos e tenho a certeza que o vai achar muito mais iluminado e sorridente do que aquele que diariamente lhe impingem no ecrã daquela caixa que lá tem em casa.

In *Notícias Magazine*, n.º 463 (adaptado)

A. Apresenta de forma bem estruturada as tuas respostas às questões que se seguem.

1. Justifica o título da crónica.

2. Indica as razões apontadas na crónica para as pessoas de idade terem medo de sair à rua.

3. "Sempre metidas em tiroteios. Francamente! Ainda agora dali saíram, e já voltaram ao mesmo. Também estão mesmo a pedir!"

3.1. Explica a funcionalidade do uso destas frases em discurso direto.

4.1 Aponta as críticas formuladas pela jornalista presentes nos terceiro, quarto e quinto parágrafos (linhas 5 a 27).

5. "os lobos espreitam a cada esquina"

5.1. Interpreta o sentido do segmento transcrito.

6. Apresenta três marcas linguísticas reveladoras da presença da cronista.

7. Prova, através de elementos textuais, que estamos perante uma crónica.

B. Funcionamento da língua

1. A socióloga Maria Benedita Monteiro fala na tese de um senhor chamado Gerbner que me chamou a atenção. O tal senhor defende que a elevada exposição à televisão cultiva nos espectadores crenças sobre o mundo.

1.1. Delimita e classifica as orações que compõem as frases:

1.2. Identifica a função sintática desempenhada pelos constituintes sublinhados.

2. Faz a análise morfológica das seguintes palavras:

2.1. hoje(l.1)

2.2. daquela(l. 36)

2.3. os(l. 26)

2.4. aceite(l. 34)

3.1. Indica os atos ilocutórios presentes nas seguintes frases:

"Recuse o mundo que a televisão lhe impinge"

"Sempre metidas em tiroteios. Francamente!"

3.2. Refere as marcas linguísticas que justificam a tua resposta.

Grupo II

Elabora o resumo do seguinte excerto:

Os *media* atravessam a sociedade e podem ser definidos como uma permanente mediação (entre os acontecimentos e os destinatários - todos nós) que abarca inúmeros dispositivos – instituições de todo o tipo (políticas, jurídicas, religiosas, desportivas, artísticas, etc.) – que têm, por sua vez, como função irradiar valores, defender interesses e proclamar objectivos. Numa sociedade mediatizada, as imagens e os textos que nos entram em casa (pela televisão e pela internet, por exemplo) são parte da imensa mediação em que vivemos.

No fundo os *media* são como a água do desmedido aquário de que é feito o mundo. Um mundo cada vez mais centrado no presente, no imediato, no instante, e cada vez mais afastado da memória, da palavra trocada e das leis orais que definiam as sociedades tradicionais. Um mundo cada vez mais centrado no presente e na velocidade e cada vez mais afastado da ideia de um mundo estável, programável, ideal. A nossa sociedade actual assemelha-se, em suma, a uma grande cidade mundializada (“omnipolitana”, tal como lhe chamou o filósofo Paul Virilio) onde as diferenças são moldadas, expiadas e aproximadas pelo grande fluxo ou caudal de informação contido e expandido permanentemente pelos *media*.

Nesta esfera global, cruzada pela contínua turbulência dos *media*, os jornais não são seres à parte. Eles fazem parte dessa turbulência, criam-na de algum modo, mas são, ao mesmo tempo e sobretudo, os seus recetores. Daí que a notícia seja, muitas vezes, uma gota de orvalho entre as grandes histórias e narrativas que, a todo o momento, atravessam o mundo veiculadas pelos *media*. (256 palavras)

CARMELO, Luís. *Sebenta Criativa para Estudantes de Jornalismo*

Cotações	
I.A.1.	10 pontos
2.	15 pontos
3.1.	15 pontos
4.1.	15 pontos
5.1.	15 pontos
6.	15 pontos
7.	15 pontos
B.1.1.	20 pontos
1.2.	10 pontos
2.	8 pontos
3.1.	4 pontos
3.2.	8 pontos
II	50 pontos
TOTAL	200 pontos

CORREÇÃO

1. O título constitui um conselho que a cronista dá aos seus leitores em relação aos malefícios da televisão: ela pode levar os telespectadores a determinados comportamentos que lhe são prejudiciais.

2. As pessoas, principalmente as de idade, têm medo de sair à rua porque a televisão apresenta constantemente catástrofes, assassinatos, desastres, guerras, num ritmo acelerado, dando a ideia de que o nosso mundo é extremamente perigoso. Além disso encontram obstáculos de ordem física que os impedem de sair em segurança, como os automóveis estacionados nos passeios, aumentando a solidão em que, por vezes, vivem.

3. A cronista mostra um sentimento, embora aparente, de reprovação em relação a estas mulheres palestinianas. No entanto, estes comentários são irónicos, uma vez que se referem a imagens sucessivamente repetidas. A cronista pretende criticar o facto de se repetir exageradamente imagens de fatalidades.

4. No segundo parágrafo, a cronista critica principalmente as entrevistas levadas a cabo pelos repórteres, com perguntas despropositadas, com o intuito de expor o sentimento das pessoas.

No parágrafo seguinte, a crítica é sobre a repetição de imagens de pessoas em pânico, com a intenção de comover os espectadores.

O quarto parágrafo fala sobre o excesso de violência na televisão que pode levar à situação de medo do mundo que nos rodeia, impedindo-nos de viver plenamente.

5. Esta expressão reporta-nos ao conto infantil do Capuchinho Vermelho, em que há um lobo mau à espreita, na floresta. Aqui refere-se ao facto de o excesso de imagens de violência nas ruas leva a pensar que se vive num mundo rodeado de perigos de que não podemos fugir ou evitar.

6. *"Hoje estive horas e horas a ver televisão", "fiquei aterrorizada" e "só um pensamento me ocorria".*

7. Este texto parte de um assunto do quotidiano, os programas de televisão, mais propriamente a informação. A autora analisa e faz uma apreciação pessoal e crítica desses programas de informação: *"tendo ficado com a nítida sensação de que a constante repetição de cenas de violência não pode deixar de banalizar os acontecimentos".*

1. $4 \times 2 + 4 \times 3 = 20$

A socióloga Maria Benedita Monteiro fala na tese de um senhor chamado Gerbner:
oração subordinante

que me chamou a atenção: oração subordinada adjetiva relativa restritiva

O tal senhor defende: oração subordinante

que a elevada exposição à televisão cultiva nos espectadores crenças sobre o mundo:
oração subordinada substantiva completiva

1.2. $5 \times 2 = 10$

fala na tese: predicado e complemento oblíquo

me: complemento indireto

a elevada exposição: sujeito

crenças sobre o mundo: complemento direto

2. $4 \times 2 = 8$

2.1. hoje (l.1): advérbio de tempo

2.2. daquela (l. 36): contração da preposição de com o determinante demonstrativo feminino singular aquela

2.3. os (l. 26): determinante artigo definido masculino plural; pronome pessoal

2.4. aceite (l. 34): forma do verbo aceitar no presente do conjuntivo, na terceira pessoa do singular

3.1. Indica os atos ilocutórios presentes nas seguintes frases: $4 = 2 \times 2$

"Recuse o mundo que a televisão lhe impinge": atos ilocutório diretivo

"Sempre metidas em tiroteios. Francamente!": atos ilocutório expressivo

3.2. $8 = 2 \times 4$

a. O verbo no presente do conjuntivo "recuse" indica que a autora pretende influenciar a atuação do destinatário;

b. A cronista mostra um sentimento, embora aparente, de reprovação em relação às mulheres. Sabemos no entanto que é irónico.

Resumo:

A nossa sociedade caracteriza-se pela constante mediação veiculadora de valores, objetivos e interesses. As imagens e os textos são apenas parte dessa mediação.

Por isso, a sociedade encontra-se centrada no presente, no imediato, na rapidez, levando a que sejam esquecidos o passado e a tradição o que cria um mundo em desequilíbrio. Não há, assim, lugar para a diferença – é a sociedade mundializada.

No entanto, os jornais fazem também parte desta agitação não sendo só criadores como também recetores.